

ENSAIO

TUPY OR NOT TUPY, THAT IS THE QUESTION

É de Montaigne, “De Canibalis”, que Oswald de Andrade retirou o conceito de antropofagia como uma prática menos selvagem que a de seus conquistadores. Um ritual, ato espiritual, não de vingança, mas como complemento natural de guerra, um ato de alteridade, o sentimento do outro, ver-se no outro, ou seja, um ato de comunhão...

JOICE GUMIEL PASSOS
ABCA/PARANÁ

Tags: modernismo, 100 anos depois, oswald de andrade, joice gumiel passos, antropofagia, semana de 1922.

(escala aleatória antropofágica descendente): 2022 - Centenário da Semana de Arte Moderna. O novo modernismo periférico; 2012 - “Oswald de Andrade: O Culpado de Tudo” Museu da Língua Portuguesa; 1998 - Bienal/98 SP- “Antropofagia”; 1968- O Tropicalismo; 1928- “Manifesto Antropófago”; 1924- “Manifesto Pau-Brasil”; 1922- Semana de Arte Moderna.

Paródias “Tupy or not Tupy, that is the question” e lemas como “transfiguração do Tabu em Totem”, o movimento modernista antropofágico, liderado por Oswald de Andrade, devora agressivamente: “Ontem Tabu, Hoje Totem” e, assim, o bom selvagem degusta o Bispo Sardinha inaugurando o novo calendário do homem lúdico, do bárbaro-tecnizado: ano 374 da deglutição.

É de Montaigne, “De Canibalis”, que Oswald de Andrade retirou o conceito de antropofagia como uma prática menos selvagem que a de seus conquistadores. Um ritual, ato espiritual, não de vingança, mas como complemento natural de guerra, um ato de alteridade, o sentimento do outro, ver-se no outro, ou seja, um ato de comunhão. A alteridade, diz Oswald de Andrade, é no Brasil um dos sinais primordiais remanescentes da cultura matriarcal, a qual compreende a vida como devoração, simbolizada no rito antropofágico da comunhão. É na iminência do perigo que se produz a solidariedade primordial, “deste mundo, neste mundo, para este mundo”. Solidariedade possível de

ser reencontrada no homem primitivo-tecnizado, na nova Weltanschauung, no novo homem, cordial e feroz, que identifica o vencedor com o vencido. Comunhão e solidariedade consequente da falta do socorro supraterrâneo, da falta da transcendência do perigo.

É no movimento dialético de destruição e construção, na transformação do tabu em totem, que a antropofagia coincide com os ideais estéticos do modernismo de oposição da vanguarda européia. “Acertado o relógio do Império”, agora, o que interessa é a transformação “do valor oposto ao valor favorável”, “tabu até ontem, hoje totem”.

O totem transforma o transcendente em mundano. Contra o tabu elevamos o totem. Contra a sociedade traumatizada e repressora, elevamos a sociedade matriarcal, “a realidade sem complexos, sem loucura, sem substituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama”. Contra a alienação redentora civilizada, a defesa antropofágica da vida como pura devoração, a propriedade comum do solo, o Estado sem classes. Superação

da cultura patriarcal, que deixou de devorar o próprio homem para fazê-lo seu escravo. Servidão fundada na autoridade paterna, na propriedade privada, na divisão do trabalho, na sociedade em classes e hierarquia social. Contra a sociedade patriarcal do útil e do negócio, a sociedade matriarcal do lúdico e do ócio. Não o ócio pai de todos os vícios e sim o ócio/escola, do qual procede a ciência e o pensamento, a possibilidade de dedicação à especulação e às conquistas do espírito... a possibilidade de transformação e liberdade de Sísifo na descida da montanha.

**100 ANOS DEPOIS... REALIDADE VIRTUAL...
GLOBALIZAÇÃO... ARTE NAS RUAS... CULTURA PERIFÉRICA...**

É o matriarcado que se anuncia, sinais do mundo supertecnizado, “onde os fusos trabalham sozinhos” e onde o homem poderia ceifar sua preguiça inata, mãe da fantasia, da invenção, da arte e do amor, síntese da técnica e do lúdico, do civilizado e do natural. Alvos de uma utopia

que assinalam o ócio e a festa como expressão da liberdade solidária que liga o homem à natureza, ao outro homem e a si mesmo.

“Só me interessa o que não é meu.
Lei do homem. Lei do antropófago”.

“A alegria é a prova dos nove”.

“Aba” (homem que devora) “poru” (o inimigo): “ABAPORU”

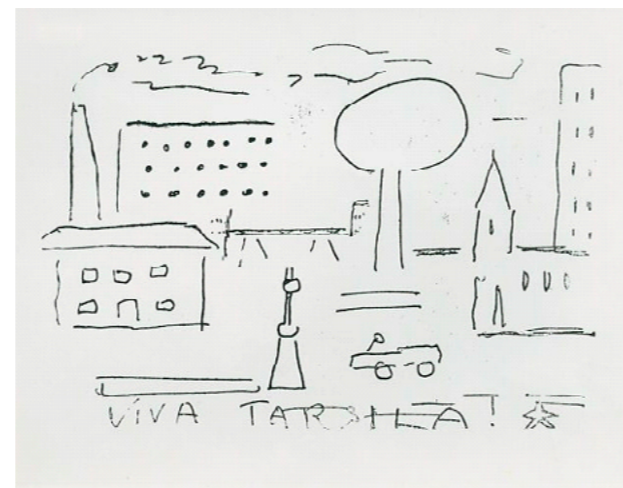


Fig. 1: *Viva Tarsila!*, desenho de Oswald de Andrade, ilustração do livro *Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade*, 1927. Imagem: reprodução.

“Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português”

Oswald de Andrade

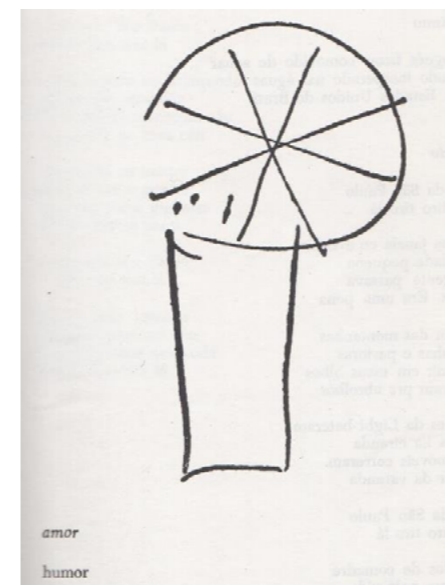


Fig. 2: *amor humor*, poema curto com ilustração de Oswald de Andrade para o livro *Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade*, 1927. Imagem: reprodução.

Meus oito anos

“Oh que saudades que eu tenho
Da aurora de minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da rua de Santo Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais

Eu tinha doces visões
Da cocaína da infância
Nos banhos de astro-rei
Do quintal de minha ânsia
A cidade progredia
Em roda de minha casa
Que os anos não trazem mais

Debaixo da bananeira
sem nenhum laranjais.”

Oswald de Andrade



Fig. 3: *Menina com o Jarro*, desenho de Oswald de Andrade, ilustração do livro *Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade*, 1927. Imagem: reprodução.

Em tempo: Antropofagia: instrumento de transformação estética e social. Devoração cultural do produto importado para conversão em produto de exportação. Alteridade e comunhão no homem cordial e feroz. Identidade possível entre o vencedor e o vencido.

100 anos depois... realidade virtual... globalização... arte nas ruas... cultura periférica. Que tal? Ois!Wald!!!

Em tempo: As reflexões aqui apresentadas fazem uso de lemas, técnicas e ideais dos Manifestos Pau-Brasil e Antropófago de Oswald de Andrade

REFERÊNCIAS

Andrade. O. Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1972.

Montaigne. M. De Canibalis. Ensaios. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991